

Ordenamento do Território – Nível Municipal

Ano lectivo 2013/2014

4ª Aula Prática

- ✓ Visita de estudo a Odivelas

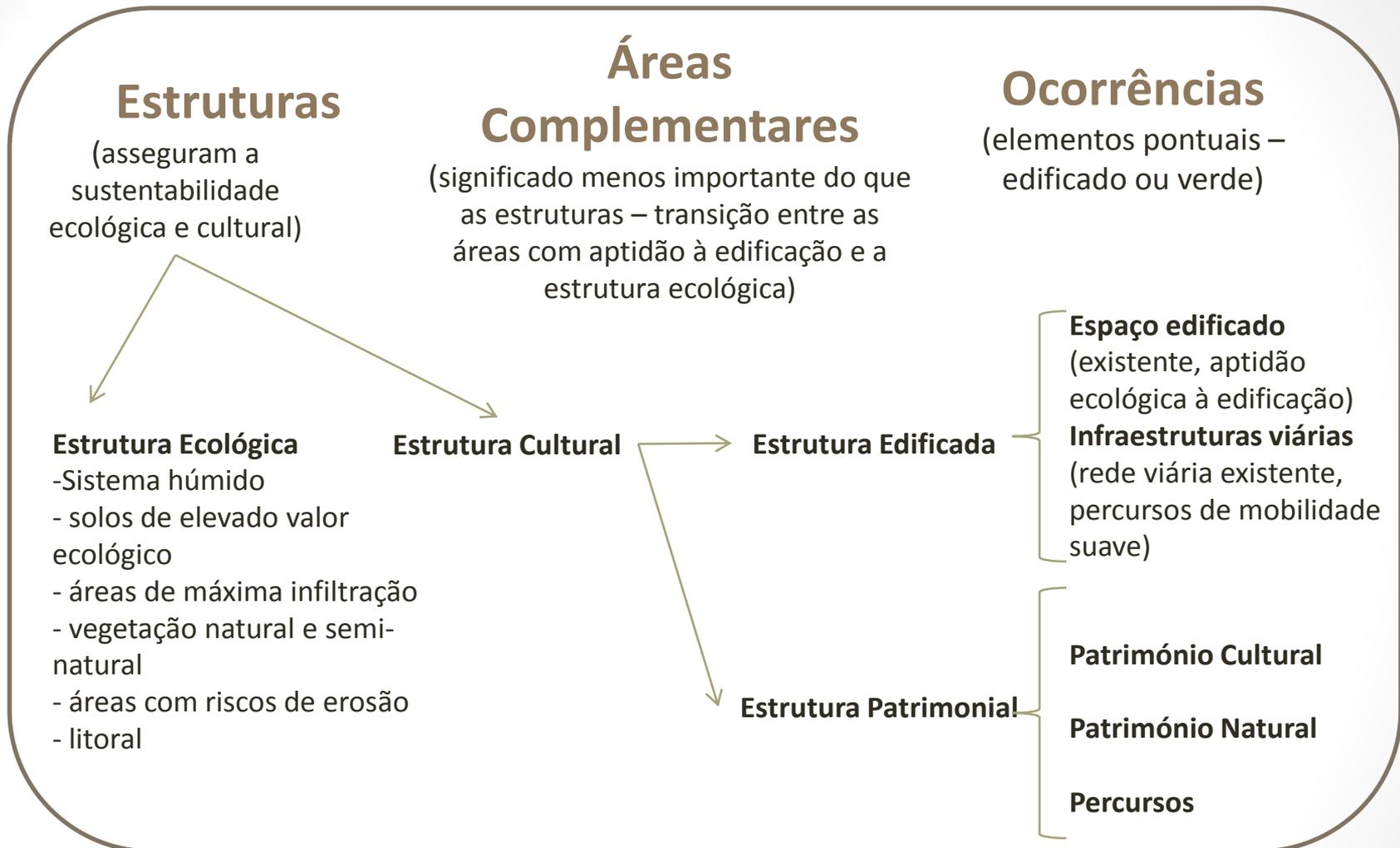
5ª Aula Prática

- ✓ Apresentações dos trabalhos desenvolvidos à escala 1/25000.

6ª Aula Prática

- ✓ Metodologia do Sistema Paisagem
- ✓ Estrutura Ecológica: Fundamental, Urbano e Rural
- ✓ Tipologias do espaço exterior no espaço rural
- ✓ Estrutura Ecológica Urbana
- ✓ Casos de estudo da Estrutura Ecológica Urbana
- ✓ Alguns exemplos de conceito de intervenção à escala 1:10000

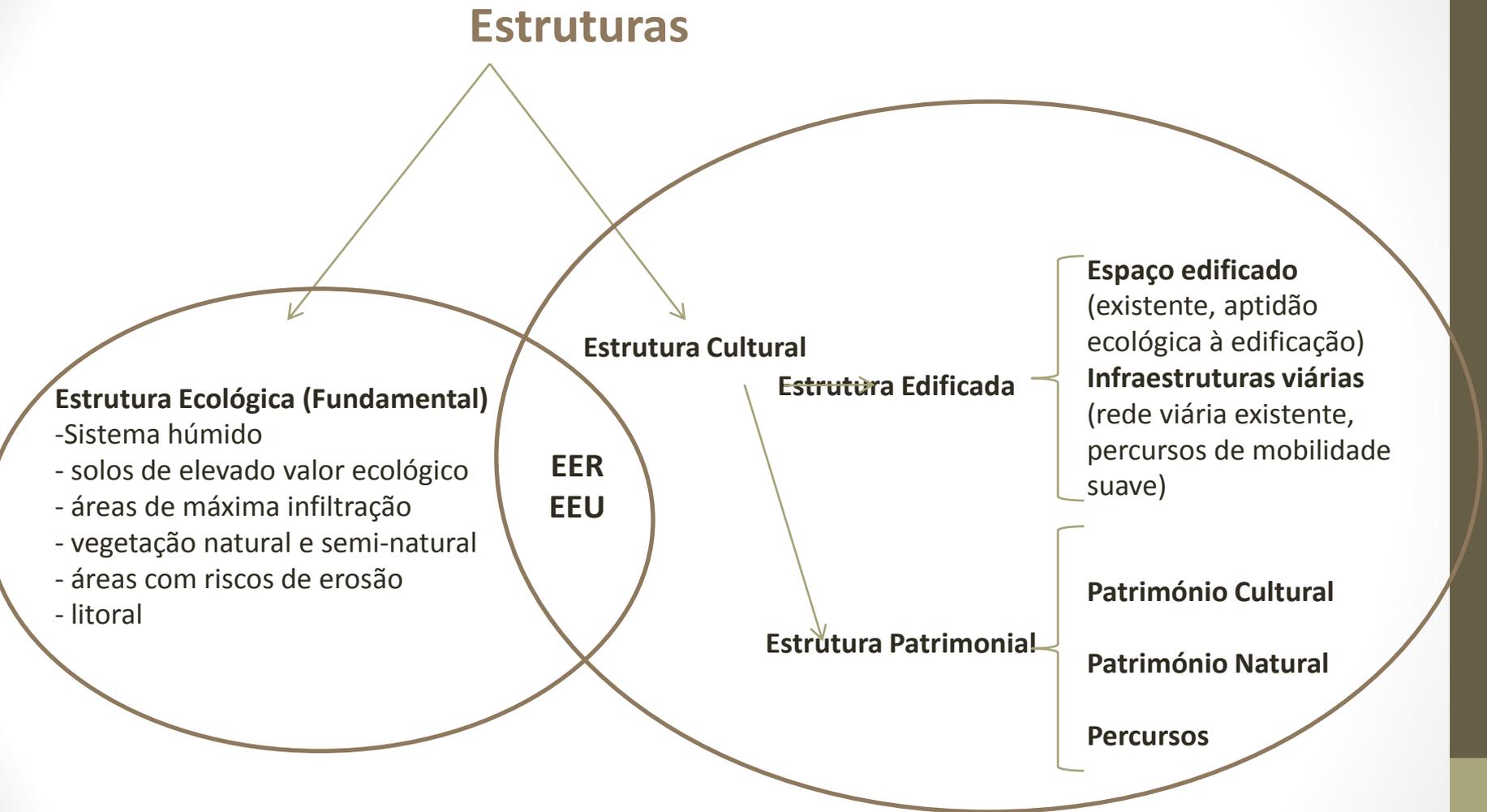
Metodologia do Sistema-Paisagem



METODOLOGIA INTEGRATIVA

Conceito de Intervenção | Ocupação Potencial | Medidas de Gestão

Metodologia do Sistema-Paisagem

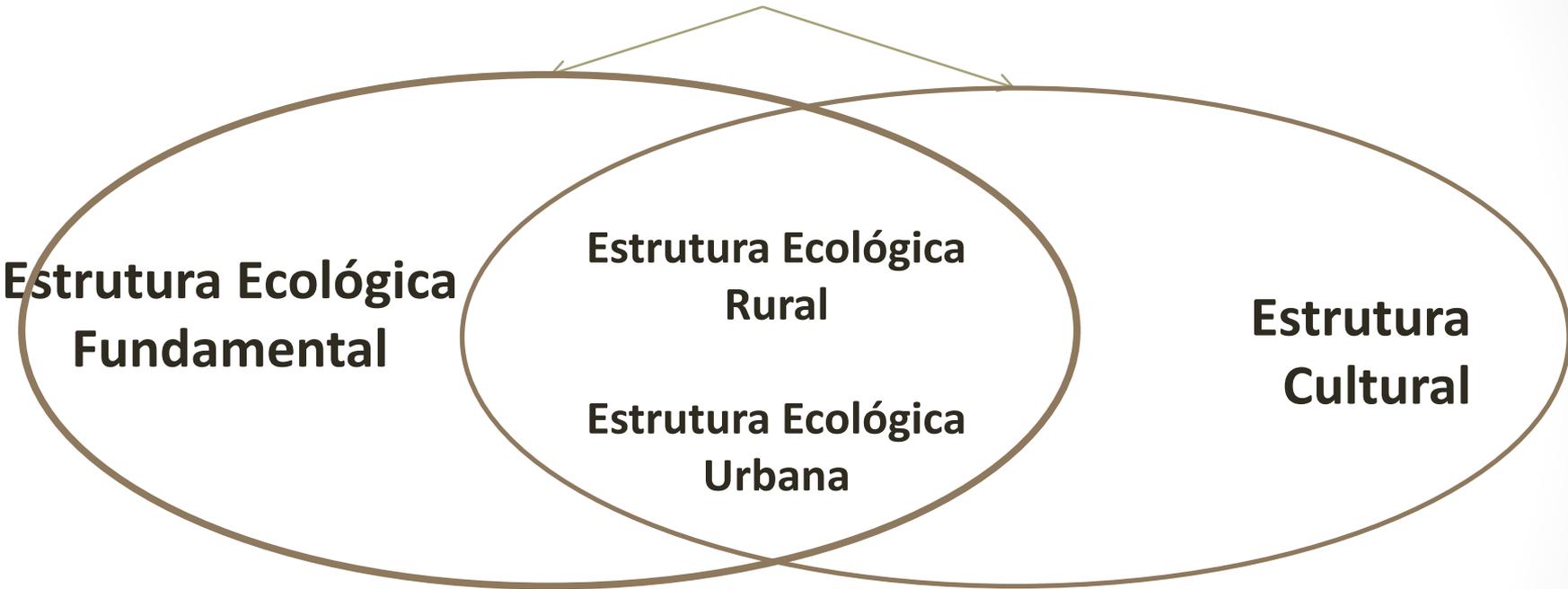


EER - Estrutura Ecológica Rural

EEU – Estrutura Ecológica Urbana

Metodologia do Sistema-Paisagem

Estruturas da Paisagem



A Estrutura Ecológica não deve ser interpretada como uma zona de reserva de recursos naturais onde estão excluídas todas as actividades humanas.

Instrumento de planeamento orientado por princípios de salvaguarda dos recursos e sistemas naturais

Estrutura Ecológica Rural

Estrutura Ecológica Rural

A Estrutura Ecológica Rural é de natureza antrópica e assegura o funcionamento ecológico na paisagem rural

A estrutura obtida pela humanização, na Paisagem rural, embora de origem cultural, representa parte da Estrutura Ecológica que, a um nível de maior detalhe, contribui para assegurar a sustentabilidade da Paisagem. Algumas das áreas mais significativas, constituídas por mosaicos mais sedimentados, devem ser preservadas, não só pelo significado ecológico que encerram, mas também pelo seu significado cultural.

Dois tipos dominantes da Paisagem portuguesa:

- a **Paisagem Compartimentada**, predominante no norte do País;
- a **Paisagem da Árvore Dispersa Mediterrânica**, predominante ao Sul do Tejo.

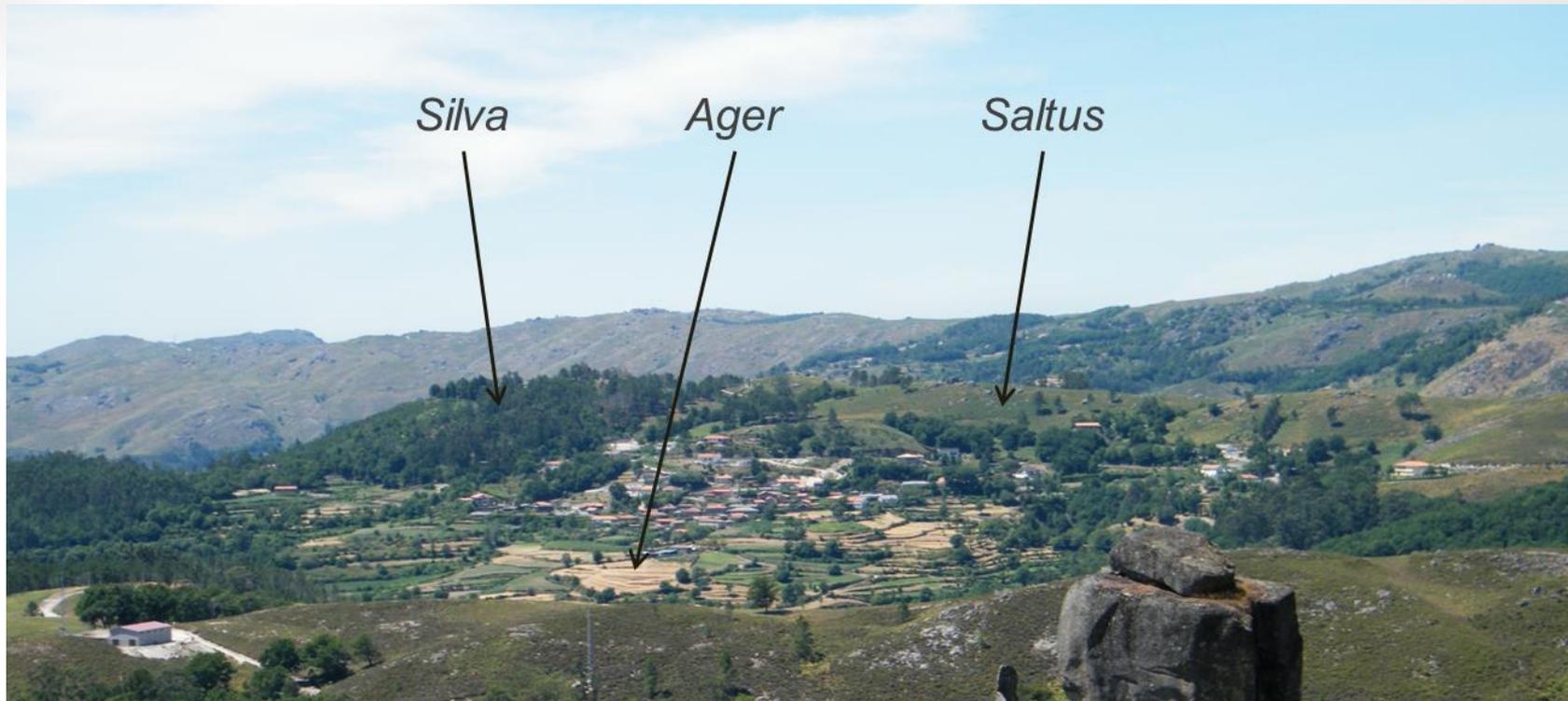


Paisagem Compartimentada

No sistema de Paisagem Compartimentada, a abertura da mata deu origem à clareira, destinada à cultura de hortícolas, arvenses de regadio ou pomar (nas várzeas), e de arvenses de sequeiro, olival, vinha ou pomar de frutos secos no sistema seco. A dimensão desta clareira é tal que foi necessário manter a mata na sua forma mais sintética e densa de significados ecológicos que é a sebe.

Neste tipo de paisagem, a mata ou os matos cobrem os cabeços e as encostas mais declivosas, ao passo que a agricultura ou a pastagem compartimentada ocupam as vertentes até onde o declive o permite. Os talvegues são protegidos pela galeria ripícola e a agricultura de regadio desenvolve-se ao longo dos vales que, sempre que se alargam, beneficiam também de compartimentação que deveria ser constituída por espécies da mata ribeirinha.

A Estrutura Ecológica deste tipo de paisagem, é assim constituída pela **mata e matos** e pelas **sebes de compartimentação**, **incluindo a galeria ripícola** que mais não é do que uma sebe mais complexa, de protecção às linhas de água.



Paisagem tradicional do Centro e Norte de Portugal

Em torno da **urbe**, normalmente concentrada, organizava-se o **ager**, para a produção de cereal. Na proximidade da aldeia situavam-se os pomares e as hortas (**hortus**). Para lá do **ager** estava o **saltus**, ou os matagais que resultavam da regeneração natural de queimadas da mata e eram permanentemente mantidos em estado pastável, por acção dos rebanhos ou, quando necessário, do fogo controlado pelos pastores. Para lá do **saltus**, estava a **silva** (floresta cultivada, designada em português por mata).

Paisagem da Árvore Dispersa Mediterrânica

Na Paisagem da Árvore Dispersa Mediterrânica, a **secura** e demais condições adversas do meio, como as **elevadas temperaturas estivais e a pobreza do solo**, determinaram uma outra adaptação antrópica da mata. A protecção em relação ao sol é agora o objectivo dominante do sistema e cada árvore passa a cumprir a função da mata, no espaço que dela depende.

A abertura da mata não deu lugar à clareira, como na Paisagem Compartimentada, mas fez-se árvore a árvore, alargando o seu compasso, de modo a **aumentar a entrada de radiação**, cautelosamente, com contenção, permitindo a **consociação com a pastagem**, mas sem deixar de proteger o solo dos ardores da radiação solar e de garantir a adição anual de matéria orgânica, trazida pela folhada das árvores.

Tipologias do Espaço Rural

Na paisagem rural ou no espaço urbano não-edificado, as **tipologias** definem a **relação entre volumes e superfícies**, podendo os volumes ser constituídos por **massas de vegetação** ou **elementos edificados** e as superfícies serem revestidas por vegetação ou materiais inertes. (Magalhães, 2001)

Elementos formais da composição da paisagem

Tipologias do Espaço Exterior em espaço Rural

ESPAÇO FECHADO

Espaço fechado com orla



Espaço fechado sem orla



Tipologias do Espaço Exterior em espaço Rural

ESPAÇO ABERTO



Desenhos de Magalhães, 1996

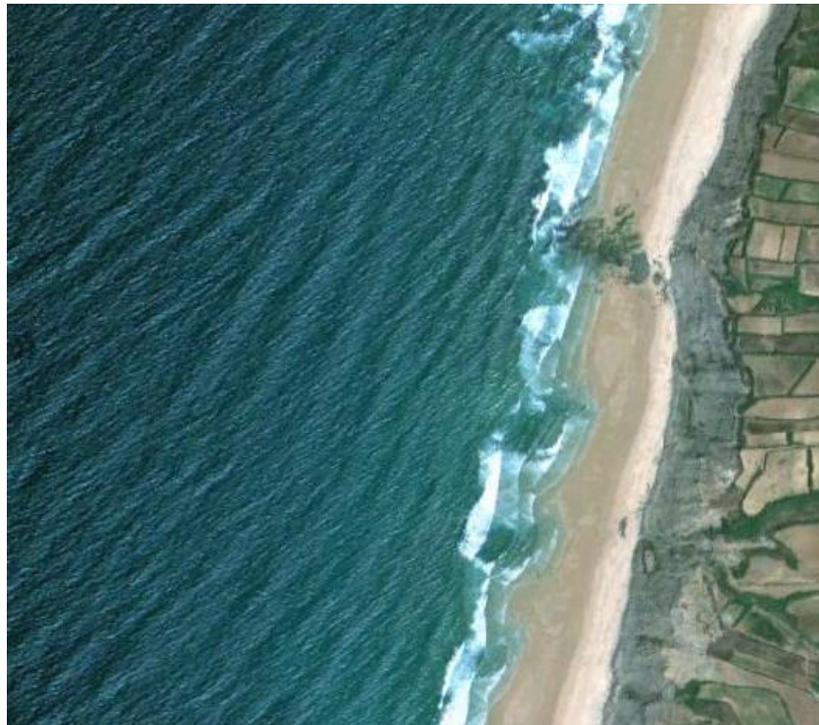


Tipologias do Espaço Exterior em espaço Rural

ESPAÇO ILIMITADO



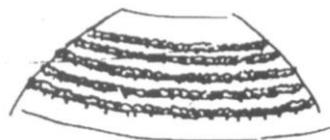
Desenhos de Magalhães, 1996



Tipologias do Espaço Exterior em espaço Rural

ESPAÇO COMPARTIMENTADO

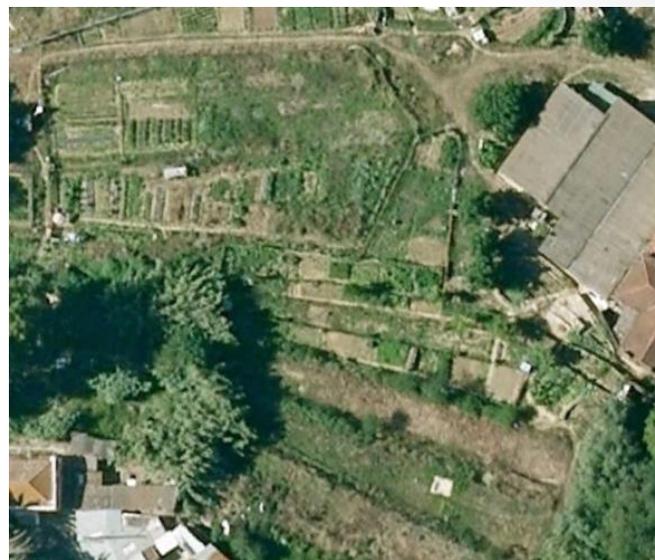
Espaço compartimentado de malha estreita



Espaço compartimentado de malha larga



Desenhos de Magalhães, 1996



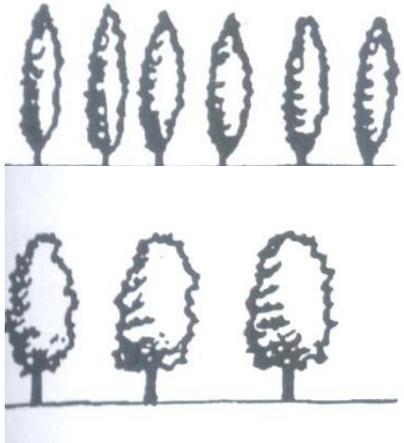
Tipologias do Espaço Exterior em espaço Rural

ESPAÇO COMPARTIMENTADO



Tipologias dos limites do espaço exterior

LIMITE PONTUADO



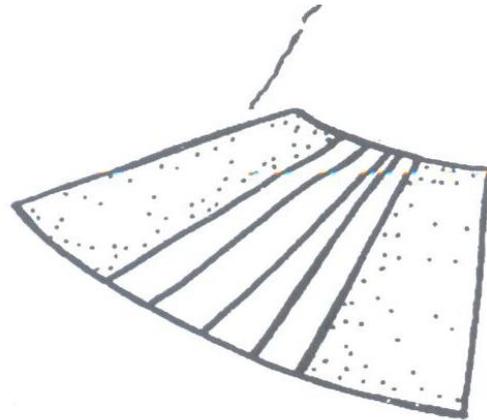
Desenhos de Magalhães, 1996





Tipologias dos limites do espaço exterior

LIMITE ABERTO



Desenhos de Magalhães, 1996



Estrutura Ecológica Urbana

A Estrutura Ecológica Urbana:

-constitui um **prolongamento da Estrutura Ecológica Fundamental**, dentro de um meio predominantemente edificado – prolonga as funções da EEF na cidade

- assegura o **funcionamento ecológico da Paisagem**, embora em termos fortemente artificializados

-a partir de elementos provenientes de **diferentes origens**, como sejam a **EEF**, **espaços patrimoniais**, **espaços de integração de infraestruturas** ou simplesmente **terrenos vagos**.

-EEU assume portanto dois papéis – **componente da Estrutura Ecológica e da Estrutura Cultural**.

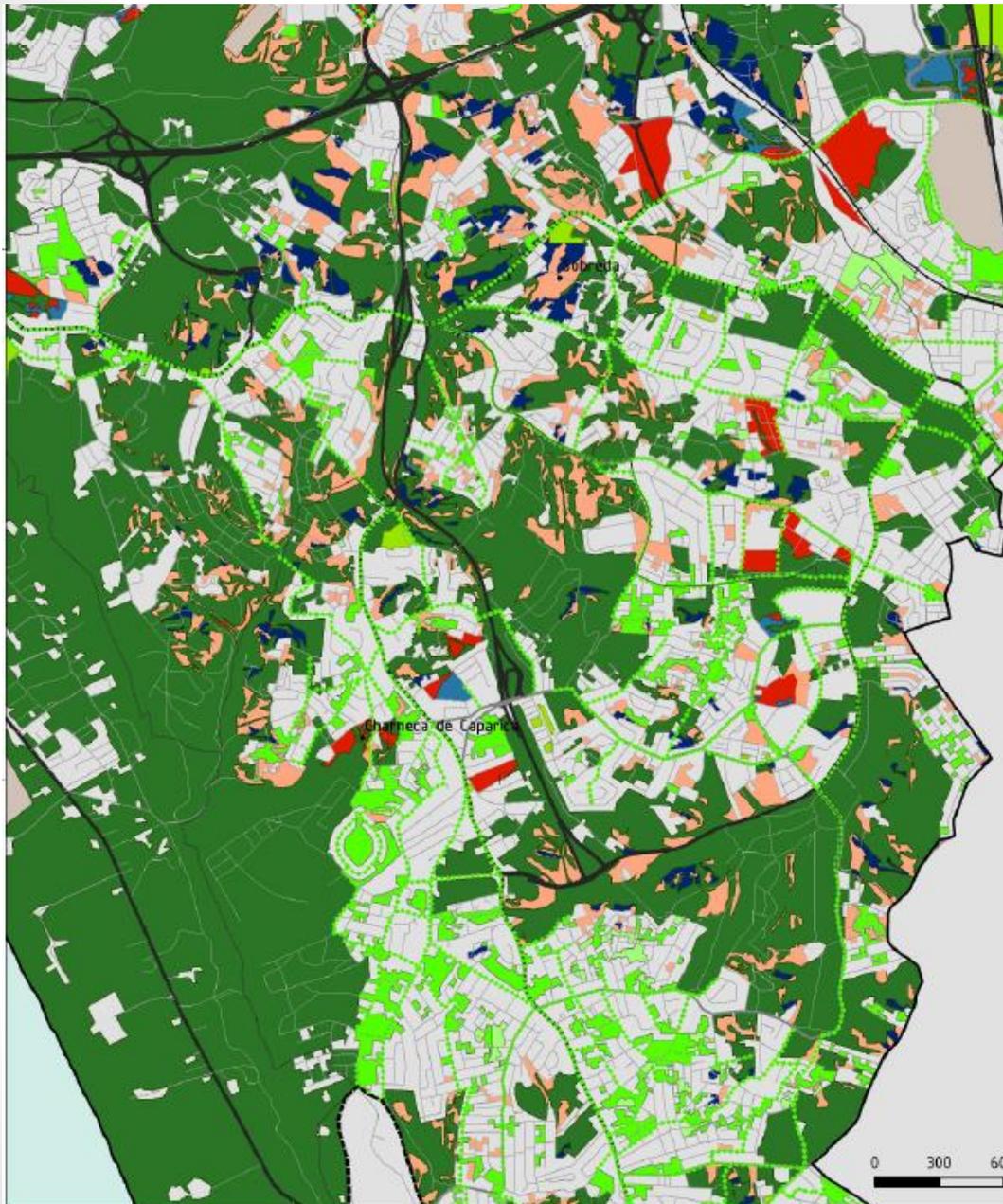
A Estrutura Ecológica Urbana engloba a totalidade de espaços disponíveis para a intervenção e o conhecimento das suas características dominantes, e concorre para a concepção das propostas, constituindo, assim, uma estrutura de protecção, de regulação climática, de suporte da produção vegetal, do lazer e recreio integrada no tecido edificado.

Tipos de espaços que se inserem nos aglomerados e na fronteira entre estes e o território dominado pela ocupação rural:

- Espaços da Estrutura Ecológica Fundamental - vazios associados aos sistemas húmidos das bacias hidrográficas, onde se inclui a frente ribeirinha, áreas com riscos de erosão associados às vertentes declivosas;
- Espaços de Memória - vazios relacionados com factores culturais (existência de património cultural);
- Espaços de Integração de Infra-estruturas - vazios ligados a infra-estruturas (as faixas que acompanham as infra-estruturas viárias, de transportes ferroviários e aeroporto);
- Espaços Projectados - vazios que sofreram intervenção projectual (foram assinaladas Praças, Jardins ou Parques);
- Espaços Vagos - vazios que constituem o espaço remanescente da edificação, como zonas abandonadas, lotes não construídos ou zonas degradadas, sem terem função ou imagem consistente.

Estrutura Ecológica Urbana de Almada

CEAP,2008



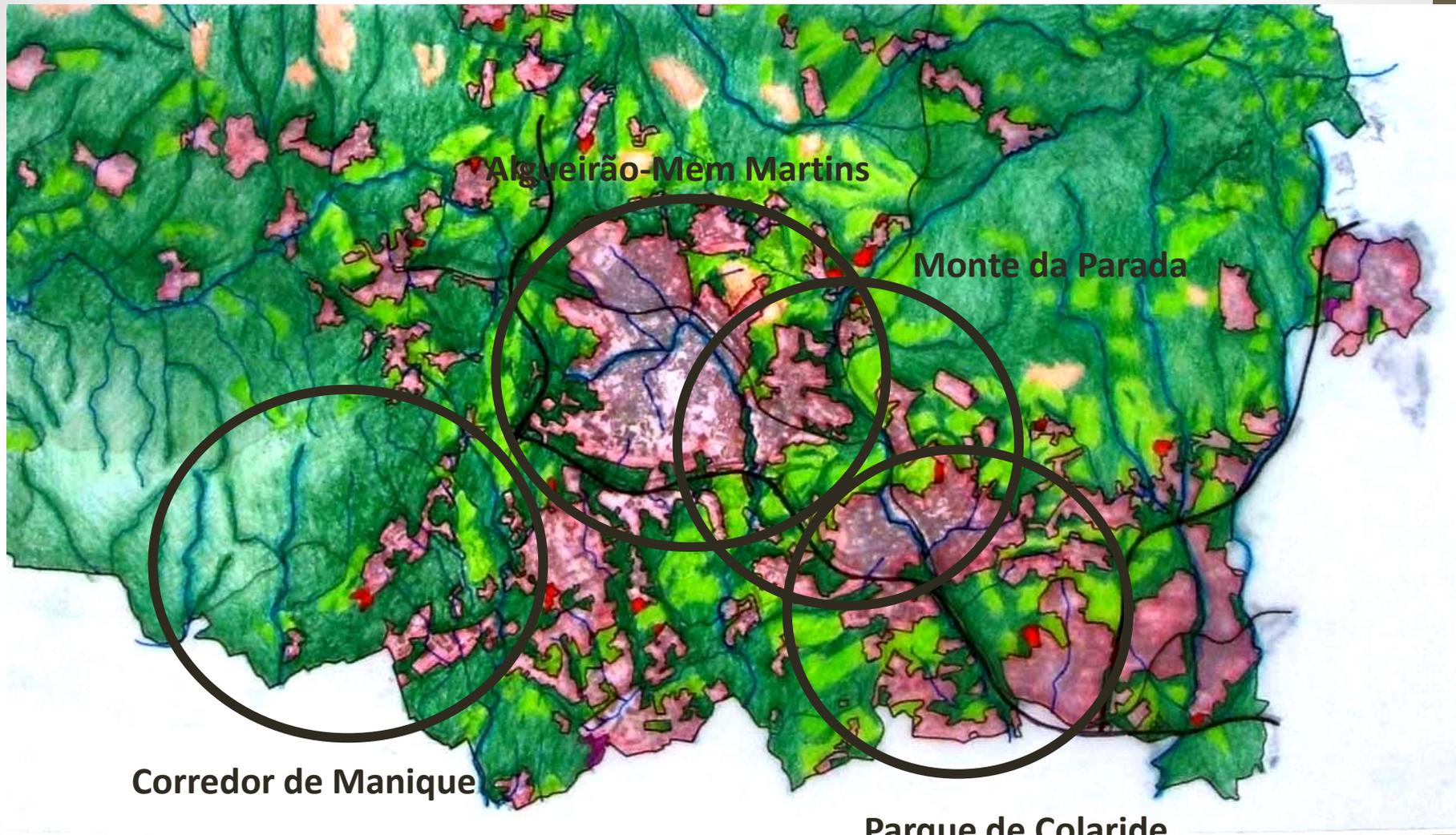
estrutura ecológica urbana

- estrutura Ecológica Urbana - em espaço projectado existente
- estrutura Ecológica Urbana proveniente da EEF
- estrutura Ecológica Urbana proveniente de outros elementos
- rua arborizada
- Estrutura Ecológica Fundamental
- áreas com aptidão ecológica condicionada à edificação (áreas complementares com permeabilidade Alta a Moderada)
- áreas com aptidão ecológica à edificação
- áreas sem aptidão ecológica à edificação (áreas complementares com exposição Norte)
- áreas sem aptidão ecológica à edificação (áreas complementares com permeabilidade Alta a Moderada e exposição Norte)
- equipamentos em espaço aberto
- espaço Edificado (CEAP)

EXEMPLOS

Estrutura Ecológica Urbana

In Plano Verde de Sintra



Algueirão-Mem Martins

Monte da Parada

Corredor de Manique

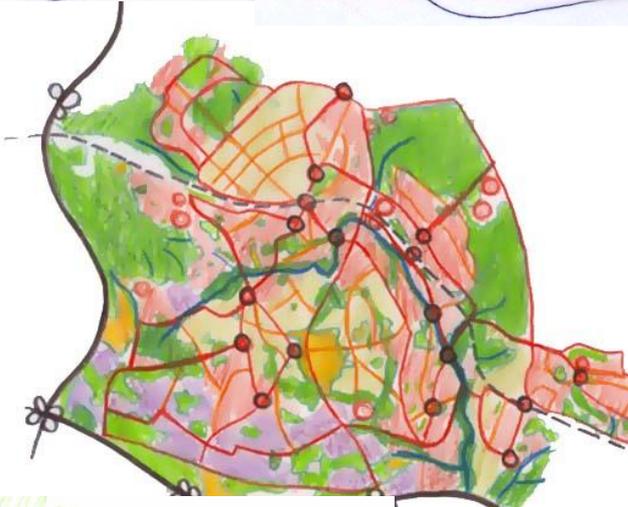
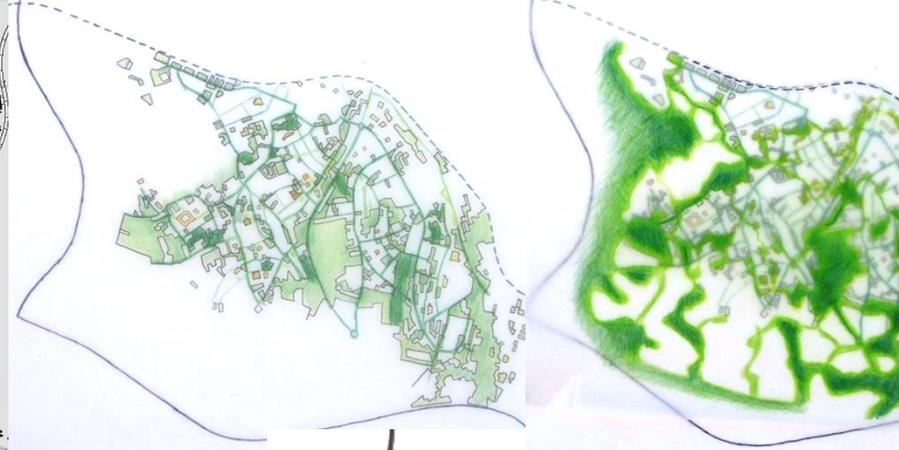
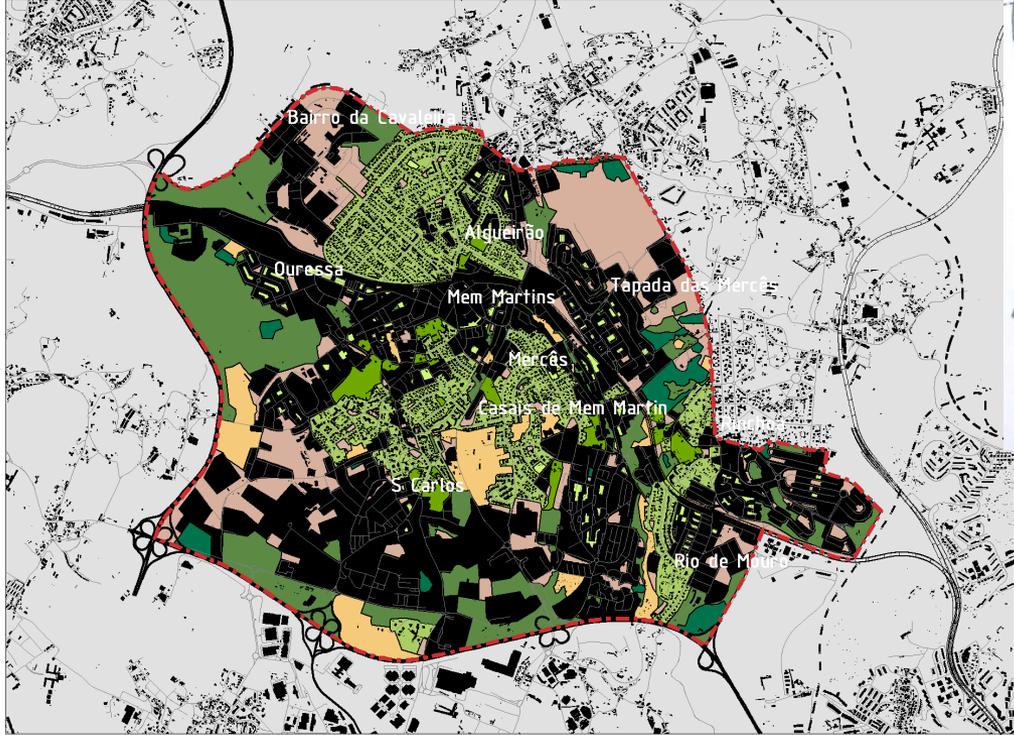
Parque de Colaride

CASO DE ESTUDO

Algueirão – Mem Martins

SOARES, T. C. V. (2006) Requalificação Urbana. Perspectiva do Planeamento Sustentável. Aplicação ao Aglomerado de Algueirão-Mem Martins.

Orientadora Prof. Manuela Raposo Magalhães, Co-Orientadora Eng. Território Sofia Lino do Campo. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.



Levantamento dos Vazios Urbanos - Algueirão-Mem Martins

Proposta - Componente Ecológica (EEU)

- Tipologias dos vazios urbanos**
- mata
 - matos
 - quintas
 - logradouros privados
 - logradouros publicos
 - agricultura e hortas
 - terrenos Vagos

- Infraestruturas ferroviárias**
- rede ferroviária
- Infraestruturas rodoviárias**
- estradas principais existentes
 - estradas principais propostas
 - estradas secundárias, ruas, carreiros e caminhos de pé posto existentes

Edifícios

-

Limite de intervenção

-

Fonte: Edifícios - CMS, Out 2000
 EEU - CEAP/ISA/UTL, Jul 2005
 Rede Viária e Ferroviária - CMS, PMIF



Escala original 1/10000
 Projecção de Gauss
 Elipsoíde Internacional - Datum 73 (Melriça)



CASO DE ESTUDO

Parque de Colaride

Trabalho de uma aluna de OTII (Elsa Isidro)

in Plano Verde de Sintra (2ª fase)



Estrutura Ecológica Fundamental



Interpretação do Orto – 1:10000



Proposta de Intervenção 1:10000

-  Agricultura Existente e Proposta em Solos de Elevado Valor Ecológico
-  Sebes de Compartimentação
-  Vegetal Natural, Semi-natural e Matos Existentes e a Conservar
-  Sistema Húmido com Galeria Ripícola e Mata Ribeirinha
-  Estrutura Ecológica Urbana
-  Edificado Existente
-  Áreas Edificáveis
-  Infra-estruturas Viárias

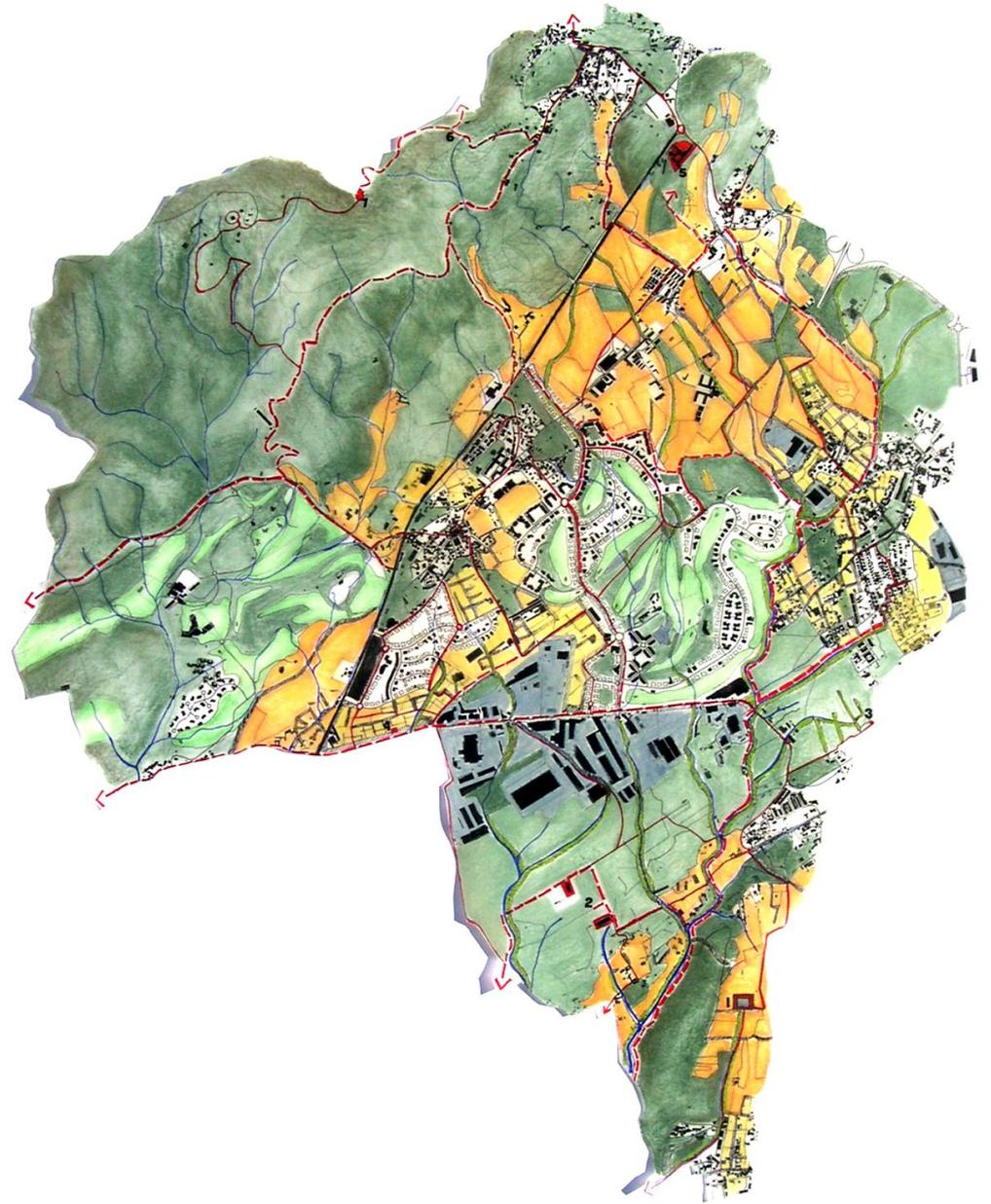
CASOS DE ESTUDO

Corredor de Manique

LIMA, M. F. Q. M. M. (2004) **Estéticas da Paisagem**. Orientador Prof. Manuela Raposo Magalhães, Orientadora Externa: Prof. Adriana Veríssimo Serrão, Co-Orientadora Arq. Paisagista Natália Sofia Cunha, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.



Estudo Prévio



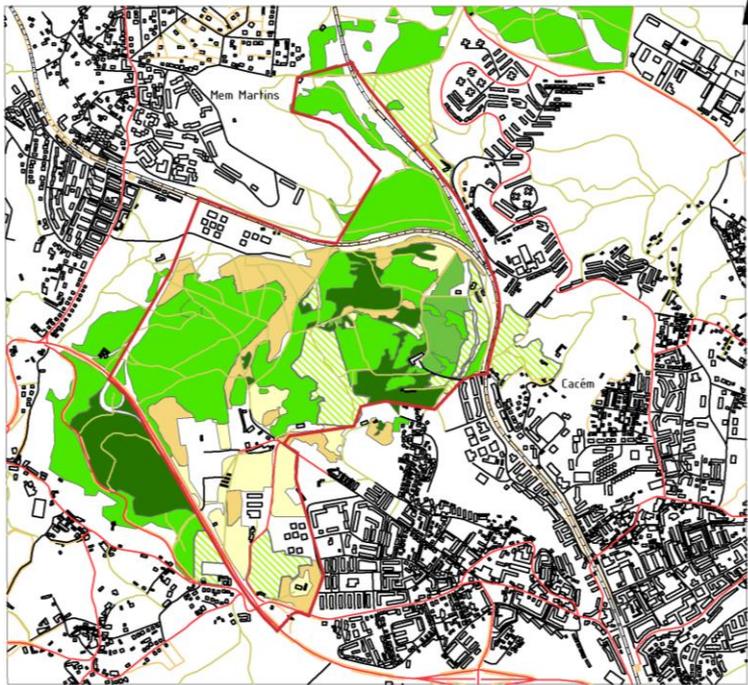
Conceito de Intervenção – escala 1:2000

CASOS DE ESTUDO

Monte da Parada

LEAL, M. C. A. G. (2004) **A Criatividade em Arquitectura Paisagista.**
Orientadora Prof. Manuela Raposo Magalhães, Co-Orientadora Arq.
Paisagista Natália Sofia Cunha Instituto Superior de Agronomia, Universidade
Técnica de Lisboa.

-11522 -101522



-11522 -101522



16878-

16879-

Tipologias do Espaço Exterior - Monte da Parada
Proposta - Componente Ecológica (EEU)

tipologias do espaço exterior

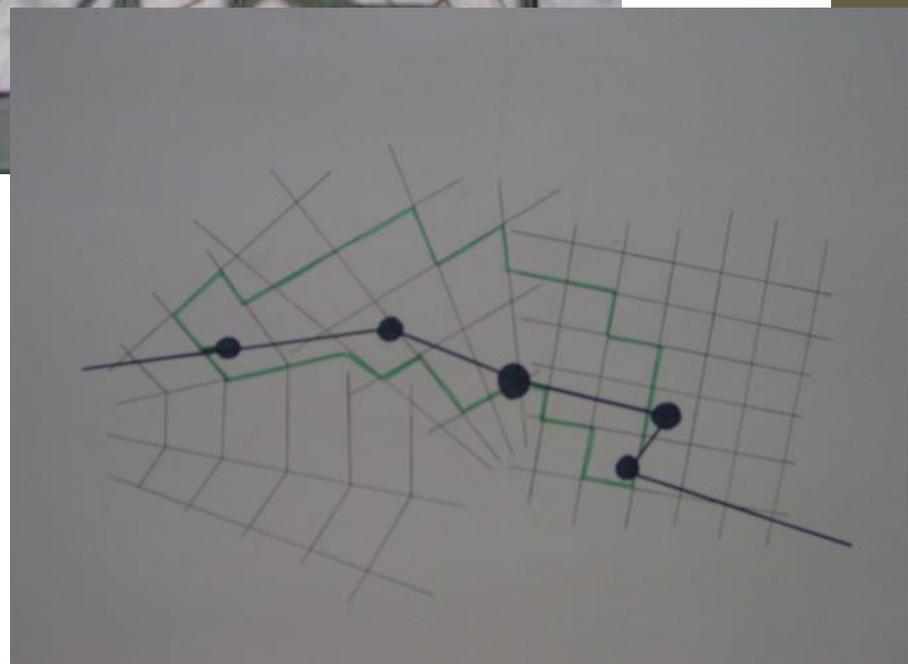
- | | |
|--|---|
|  espaço aberto com alguma cobertura vegetal |  limite de intervenção |
|  espaço aberto |  caminhos de pé-posto |
|  espaço compartimentado |  caminhos |
|  espaço pontuado |  ferrovia |
|  mata |  ruas |
|  matos |  vias principais |
| |  espaço edificado |



CASOS DE ESTUDO

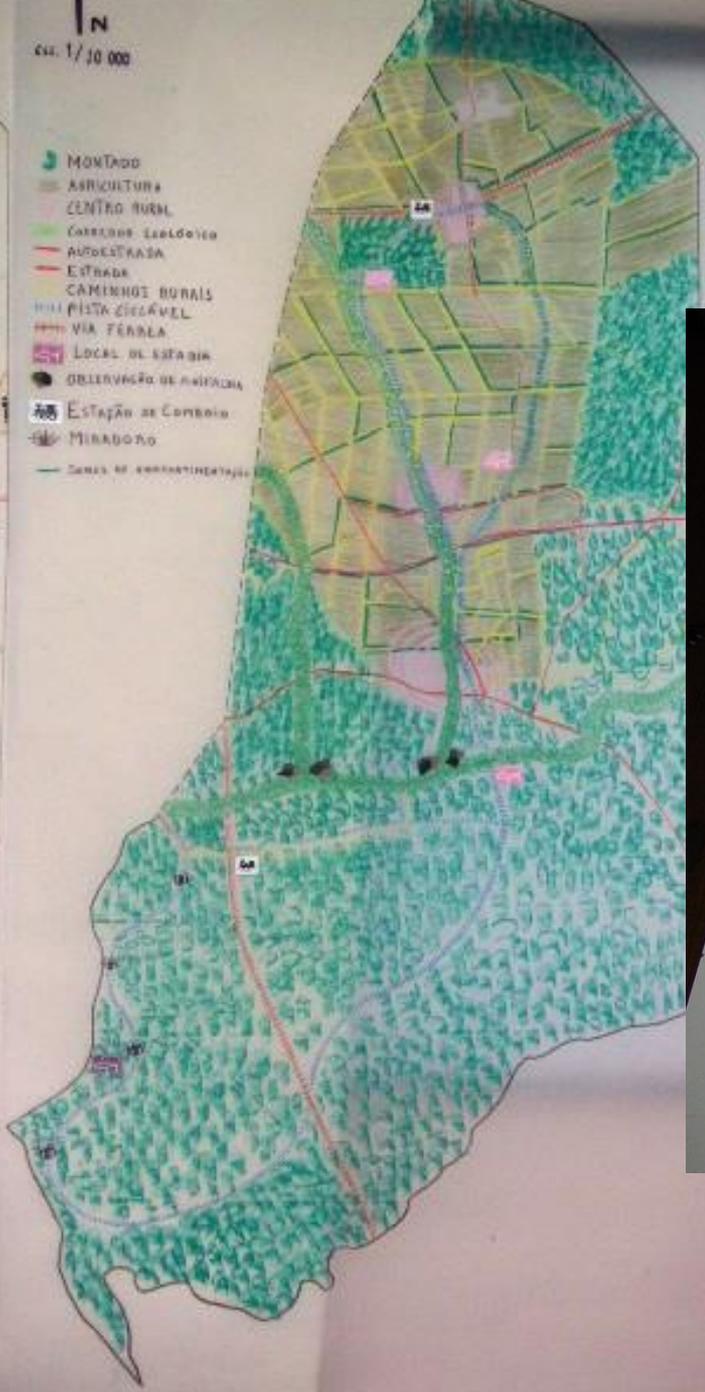
Palmela 1/10000

OT II, 2003



1/10 000

- MONTADO
- AGRICULTURA
- CENTRO RURAL
- CORRIENTE LEIADOLO
- AUTOESTRADA
- ESTRADA
- CAMINHOS RURAIS
- PISTA CICLÁVEL
- VIA FERREA
- LOCAL DE ESTAGIA
- OBSERVAÇÃO DE PAISAGEM
- Estação de Comboio
- MIRADouro
- Linhas de comunicação





PLANO DE URBANIZAÇÃO

Decreto Lei n.º 380/99, de 22 de Setembro
alterado pelo Decreto-Lei n.º 316/2007

Plano de Urbanização

Artigo 87.º

Objecto

O plano de urbanização **define a organização espacial** de parte determinada do território municipal, **integrada no perímetro urbano**, que exija uma intervenção integrada de planeamento.

Artigo 88.º

Conteúdo material

O plano de urbanização prossegue o equilíbrio da composição urbanística nomeadamente estabelecendo:

- a) A definição e caracterização da área de intervenção **identificando os valores culturais e naturais a proteger;**
- b) A **concepção geral da organização urbana**, a partir da qualificação do solo, definindo a **rede viária estruturante**, a localização de **equipamentos** de uso e interesse colectivo, a **estrutura ecológica**, bem como o sistema urbano de circulação **de transporte público e privado e de estacionamento;**
- c) A definição do zonamento para localização das diversas funções urbanas, designadamente habitacionais, comerciais, turísticas, de serviços e industriais, bem como identificação das áreas a recuperar ou reconverter;

Plano de Urbanização

- d) A adequação do perímetro urbano definido no plano director municipal em função do zonamento e da concepção geral da organização urbana definidos;
- e) Os indicadores e os **parâmetros urbanísticos** aplicáveis a cada uma das categorias e subcategorias de espaços;
- f) As **subunidades operativas de planeamento e gestão**.

Artigo 89.º

Conteúdo documental

1 - O plano de urbanização é constituído por:

- a) Regulamento;
- b) Planta de zonamento que representa a organização urbana adoptada;
- c) Planta de condicionantes que identifica as servidões e restrições de utilidade pública em vigor que possam constituir limitações ou impedimentos a qualquer forma específica de aproveitamento.

2 - O plano de urbanização é acompanhado por:

- a) Relatório fundamentando as soluções adoptadas;
- b) Programa contendo disposições indicativas sobre a execução das intervenções municipais previstas, bem como sobre os meios de financiamento das mesmas.